

São eles ou nós: que os capitalistas paguem pela crise

A juventude que se levanta em diversas partes do mundo, no Brasil, mostrou sua força nas ruas contra os cortes à educação, a reforma da previdência e os ataques de Bolsonaro. Somos milhares e podemos contagiar a classe trabalhadora para derrotar cada plano desse governo, fruto do golpe institucional, que veio para aprofundar os ataques que o PT já aplicava e submeter ainda mais o país ao imperialismo de Trump. Por isso, não podemos aceitar que a direção majoritária da UNE (PT e PCdoB) continue separando a luta contra os cortes à educação da luta contra a reforma da previdência, enquanto os seus governadores apoiam a reforma de Rodrigo Maia.

Frente à crise, os capitalistas buscam impor seus planos de ajustes, nos obrigando a trabalhar até morrer sem nenhum direito ou amargando em desemprego e precarização, submetendo a população pobre, especialmente os jovens, à fome, à miséria e aos tiros da polícia racista. Segundo dados da PNAD, 23% das 47,3 milhões de pessoas entre 15 e 29 anos não estudam nem trabalham, sendo quase um terço de jovens mulheres responsáveis pelo trabalho doméstico. Os que escapam dessa estatística encontram empregos precários, terceirizados, intermitentes ou via aplicativos como o Rappi, com suas longas, perigosas e mal pagas jornadas de trabalho. Os negros, que se enfrentam cotidianamente com o recrudescimento da repressão policial, os LGBTs e as mulheres pagam duplamente pela crise dos capitalistas. Nos negam o direito ao nosso corpo e sexualidade, oprimem nossa identidade de raça e gênero. Nosso desafio histórico é lutar por um outro projeto de sociedade livre da opressão e exploração. Basta da miséria que os capitalistas e seus governos querem nos impor! Retomemos o nosso passado de aliança com os trabalhadores, o maio de 1968, a luta contra a ditadura. Façamos história!

Pisotearam na degradada democracia burguesa, com mudanças autoritárias no regime feitas por juízes privilegiados, eleitos por ninguém. A Lava Jato, de Moro e Dallagnol, e o STF foram parte ativa da manipulação das eleições com a prisão arbitrária de Lula – como confirmou as revelações feitas pelo The Intercept, que deveriam ser totalmente reveladas para toda a população e não a conta-gotas como vem fazendo o site. Bolsonaro se transformou no filho ilegítimo do golpe institucional e das eleições manipuladas, chegando ao poder juntamente com sua equipe de militares e empresários machistas, racistas e LGBTfóbicos. Diante das várias divisões no governo e nas alas do regime, o que unifica

todos esses setores é a reforma da previdência, que vai nos fazer trabalhar até morrer, e a vontade de saciar a sede de lucro dos empresários.

O 57º Congresso da UNE precisa fazer a força do movimento estudantil ser a faísca para incendiar a classe trabalhadora, organizando a disposição da juventude que vem protagonizando manifestações massivas nas ruas. É necessário votar um plano de luta desde a base para unificar estudantes e trabalhadores e derrotar o plano da Lava Jato, de Bolsonaro e do Congresso para aprovar a reforma da previdência e os ataques à educação. É preciso defender as nossas entidades contra qualquer ataque da extrema direita e unificar com a classe trabalhadora para superar as burocracias que querem negociar nosso futuro, construindo uma oposição antiburocrática contra a direção majoritária que está há anos à frente da UNE.

As direções das centrais sindicais e da UNE não podem usar a força dos estudantes e dos trabalhadores para negociar a reforma da previdência com Maia e o Centrão, como tentaram fazer ao não construir uma paralisação nacional ativa no 14J, que, apesar do papel dessas direções, foi um importante dia de mobilização e de atos de milhares. Não queremos uma reforma da previdência “desidratada” como Paulinho da Força e Tabata Amaral do PDT, a mesma que declara que existem universidades das quais “se pode cortar”. Também não aceitamos que PT e PCdoB discurssem em nome da juventude, a partir da majoritária da UNE, enquanto os seus governadores no Nordeste apoiam a reforma da previdência de Rodrigo Maia – com quem a UJS se aliou na Câmara dos Deputados.

Ao contrário de setores como o Juntos, de Sâmia Bomfim, que apoiaram a Lava Jato, nós lutamos contra essa operação que jamais vai combater de fato a corrupção inerente ao sistema capitalista. Denunciamos os vínculos dessa investigação com o imperialismo e cada avanço do autoritarismo judiciário e defendemos a liberdade de Lula sem prestar nenhum apoio político ao PT. Discordamos radicalmente de Marcelo Freixo e sua pretensão de melhorar o pacote “anticrime” de Sérgio Moro, que legaliza a impunidade policial e as ações como a que assassinou o músico Evaldo Rosa e Luciano Macedo com 80 tiros. Nossa tarefa é rechaçar completamente esse projeto. Exigimos justiça para Marielle e uma investigação independente. Não nos conformamos com o fato de que, há mais de um ano, estamos sem respostas, sendo esse assassinato umas das feridas do golpe institucional e da intervenção federal no Rio de Janeiro, um crime político pelo qual o Estado é

responsável.

Chamamos o PSOL, suas juventudes, como Rua, Afronte e Juntos, e os setores da oposição de esquerda, como PCB e PCR, a darem conosco uma batalha para que UNE e as centrais sindicais rompam suas negociatas e organizem um verdadeiro plano de lutas. Essas correntes precisam colocar as entidades estudantis e sindicais que dirigem, seus parlamentares e figuras como Boulos para impulsionar essa luta antiburoocrática, construindo assembleias e reuniões de base contra a reforma da previdência e os ataques à educação, para que nossa força não termine no dia 14, mas continue até vencer.

Defendemos uma Assembleia Constituinte Livre e Soberana imposta pela luta, que avance sobre o regime degradado pelo golpismo e pelos pilares da submissão imperialista; que levante o não pagamento da ilegal, ilegítima e fraudulenta Dívida Pública para investir em um plano de obras públicas como resposta ao desemprego. Uma Constituinte que anule a Reforma Trabalhista e a Lei da Terceirização e defenda a diminuição das jornadas e a divisão das horas de trabalho sem redução dos salários; que combata os privilégios dos políticos e juízes, que devem ser eleitos e revogáveis e receber o mesmo salário de uma professora; e que lute contra a corrupção inerente ao sistema capitalista, defendendo o julgamento de todos os corruptos por júri popular e a imediata estatização das empresas corruptas sob controle dos trabalhadores.

Lutamos contra a ofensiva imperialista na Venezuela, sem apoiar o autoritarismo de Maduro. Contra os ataques à educação de Bolsonaro e Weintraub, defendemos a ampliação das cotas proporcionais à toda população negra e indígena de cada estado, o fim do vestibular, a estatização das universidades privadas sob gestão de estudantes e trabalhadores e o perdão imediato das dívidas do FIES. Por uma educação pública que possa integrar o conhecimento técnico e científico do ensino básico ao superior, combatemos a lógica capitalista que separa o trabalho manual do intelectual. Defendemos a ciência e a pesquisa dos cortes às Universidades e Institutos Federais e dos interesses empresariais e imperialistas, que, para aprofundar a submissão e exploração das nossas riquezas, buscam acabar com qualquer produção de conhecimento que nos dê autonomia e faça o nosso país menos dependente do capital estrangeiro. Por isso, defendemos que a universidade e seu conhecimento devem estar a serviço da classe trabalhadora e da população.

Essas batalhas são parte fundamental da luta para que o movimento estudantil volte a fazer história ao lado dos trabalhadores. É com uma perspectiva anticapitalista que nós, marxistas da juventude Faísca – Anticapitalista e Revolucionária, do Grupo Internacional de Mulheres Pão e Rosas e do Quilombo Vermelho – Luta Negra Anticapitalista, construímos o portal Esquerda Diário, impulsionado pelo Movimento Revolucionário de Trabalhadores (MRT), e apresentamos essa tese rumo ao Conune 2019 juntamente com dezenas de outros estudantes independentes de diversas universidades do país.

“A vida é bela, que as gerações futuras a livressem de todo o mal, de toda opressão, de toda violência e possam gozá-la plenamente.” (Leon Trotski)

Assinam essa tese:

1. Odete Assis, Ciências Sociais, USP
2. Yohana Stoppa, Pedagogia, USP
3. Lara Zaramella, Letras, USP
4. Mariana Duarte, Letras, USP
5. João Pedro Coelho, História USP
6. Rafaella Lafraia, Saúde Pública, USP
7. Lana Cocci, Pedagogia, USP
8. Clara Gomes, Pedagogia, USP
9. Guilherme Hurba, Pedagogia, USP
10. Juliane Santos, Letras, USP
11. Laura Scisci, Letras, USP
12. Kenzo Sasaki, Ciências Sociais, USP

13. Lucas Barreto, Letras, USP
14. Giovana Maria, Letras, USP
15. Weckson Vinicius, Ciências Sociais, USP
16. Victoria Santello, Letras, USP
17. Luiz Fernando Figueiredo, Serviço Social, FAPSS
18. Taciana Garcia Rocha, Serviço Social, FAPSS
19. Valéria Beatriz Muller Rocha - Instituto de Letras da UFRGS
20. Lucas Pires dos Santos - Departamento de Artes Dramáticas da UFRGS
21. Fabrício Romano Gonzalez - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS
22. Ana Paula Santos Carvalho - Instituto de Biociências da UFRGS
23. Marlon de Oliveira Fidelix - Serviço Social da UFRGS
24. Ricardo Cechin Bergamaschi - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS
25. Natália Martins Alexandre- Serviço Social UERJ
26. Marcella R. Vieira de Moraes - Serviço Social UERJ
27. Samara da Paz Formiga - Serviço Social UERJ
28. Luisa Santos do Amaral Matos - Serviço Social UERJ
29. Isabela Santos - Serviço Social UERJ
30. Layene Gomes Ribeiro - Serviço Social UERJ
31. Gabrielle de Almeida Vianna Guarany - Serviço Social UERJ

32. Lara Thaillany Rademacker da Silva Justino - Pedagogia UERJ
33. Samyr da Silva Rangel - Geografia Uerj
34. Ana Carolina Santos de Jesus - Pedagogia UERJ
35. Flavia Teles dos Santos - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp
36. Vitoria Camargo Baggio - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp
37. Isadora de Lima Romera - Instituto de Artes, Unicamp
38. Taís Helena Cardoso Roldão - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp
39. Guilherme Zanni Pestana - Instituto de Matemática, Estatística e Computação Científica, Unicamp
40. Matheus Correia dos Reis e Souza - Instituto de Economia, Unicamp
41. Úrsula Pitombo Leite de Noronha - Faculdade de Educação, Unicamp
42. Juliana Andrade Begiato - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp
43. Laura Rossi Baraldi - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp
44. Julia da Silva Oliveira - Faculdade de Educação, Unicamp
45. Elisa Dias de Carvalho Campos - Filosofia, UFMG
46. Lina Hamdan Resende Moraes - Artes Visuais, UFMG
47. Elis de Souza Rockenbach - Artes Visuais, UFMG
48. Débora Guedes Lemos - Artes Visuais, UFMG
49. Maria Eliza de Souza Nogueira - Ciências Biológicas, UFMG

50. Julia Santana de Melo - Artes Visuais, UFMG